

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, MAIO/2017 - ANO XXI - Nº 244

EDITORIAL

Foi na ilha grega de Pátmos, no mar Egeu, que São João, o Evangelista, teve uma revelação do fim dos tempos, e a partir dessa visão escreveu o Apocalipse, último livro do Novo Testamento. Este livro contém revelações terrificantes acerca dos destinos da humanidade e aponta como será o Juízo Final.

Foi com o nome de Patmos que a mais recente operação no âmbito da Lava Jato, conduzida pela Polícia Federal e a Procuradoria Geral da República, sacudiu Brasília atingindo toda a classe política. Desencadeada no dia 18 de maio, um dia após a divulgação de uma gravação do Presidente da República, conversando amigavelmente com um empresário investigado pela Lava Jato, que a capital federal tremeu. O conteúdo da conversa gravada é de envergonhar todo cidadão de bem, que trabalha e vive honestamente e que paga seus impostos. Mostra como a corrupção implodiu a política brasileira.

O epicentro desse terremoto foi o Palácio do Planalto. O Presidente, que comemorava uma melhora nos índices econômicos, tinha seus olhos voltados para os céus. No início daquela noite, no entanto, conheceu o inferno e se viu denunciado e objeto de um inquérito. Será investigado por envolvimento em um dos maiores esquemas de corrupção da história do país por recebimento de propina milionária, obstrução de justiça, prevaricação e vazamento de informações. É o Juízo Final do Presidente. O áudio gravado apresenta indícios comprometedores de crimes do Presidente da República e de diversos agentes políticos.

O Brasil vive dias tenebrosos, com o Congresso desmoralizado – presidentes da Câmara e do Senado sob investigação; um ex-presidente da República em vias de ser condenado, além de grande parte desse Congresso envolvida em relações promíscuas com o setor privado.

Vivemos o apocalipse político, o Armagedon acontecerá no Supremo Tribunal Federal e nas primeiras instâncias do judiciário. A luta não será fácil, mas há que se confiar que o bem vencerá.



Defender o patrimônio histórico-arquitetônico-cultural não significa ser contra o progresso. Nossa cidade deve se modernizar e novas construções devem surgir. Isso não significa, porém, desconsiderar a preservação do patrimônio, que representa a materialização da identidade cultural e coletiva.

Em defesa do nosso patrimônio

Podemos caracterizar como patrimônio histórico arquitetônico qualquer edificação que represente parte da história de uma cidade ou município. Para um historiador ou uma pessoa que tenha algum conhecimento sobre História, a primeira coisa que se destaca quando se faz uma visita a algum lugar são os prédios históricos da localidade ou as construções que, de alguma forma, representam ou trazem em suas características pistas sobre a localidade visitada e de seus habitantes. Sendo assim, esse patrimônio desperta o interesse e instiga a procura por mais informações sobre o lugar e representa a materialização da cultura de uma localidade. Traz, ainda, em suas características e estilo, a história das pessoas que o construíram. Por exemplo, a antiga matriz de São Miguel, em Piquete, construída no século 19, é marco arquitetônico e histórico da cidade. Tem imenso valor simbólico. Após sua construção tornou-se o local em que acontecia toda a vida social, religiosa e política da população do bairro do Piquete. Desses encontros surgiu e se arquitetou o sonho acalentado por todos os moradores, de emancipação do então bairro rural lorenense, o que veio a acontecer em 1891. Pouco restou das construções dos primeiros tempos de Piquete. A grande maioria das edificações de valor histórico-arquitetônico para a cidade foi construída pelo Exército Brasileiro, quando o governo federal escolheu essa localidade para que nela fosse instalada uma fábrica de pólvora sem fumaça, em 1905. É digno de nota constatar que, apesar das dificuldades, o conjunto arquitetônico criado por engenheiros militares se encontra intacto. Ao longo dos anos, buscou-se preservar de forma

sustentável esse patrimônio histórico da União, bem como o significativo fragmento de mata atlântica mantido estrategicamente pelas sucessivas administrações da Fábrica ao longo de mais de um século.

Quando se defende o patrimônio arquitetônico, muitos pensam que os que se engajam nesse trabalho são contra o desenvolvimento local. Ledo engano. É evidente que não podemos ser contra o progresso ou esperar que tudo continue para sempre como está, pois o progresso não pode ser parado e tem ritmo frenético e constante. É claro que nossa cidade deve se modernizar, que novas construções devem surgir e a paisagem mudar, mas o que não deve nunca ser deixado de lado é a preservação do patrimônio histórico, pois representa a materialização da nossa história e da identidade cultural coletiva.

A perda do patrimônio representa a perda da história e da identidade, o que pode ser preocupante, pois a história do município e do local onde moramos é única e insubstituível e a destruição das suas representações materiais representa o esquecimento de parte da nossa identidade cultural, e esquecer nossa cultura é esquecer quem somos.

Infelizmente, o que já foi destruído está perdido para sempre, restando apenas o eventual registro iconográfico e a memória particular daqueles que viram determinado monumento. O que nos resta fazer é reconhecer a importância do patrimônio remanescente, conscientizar a população de sua importância coletiva, mudando a concepção antiga de que coisa velha não tem importância, e cobrar dos responsáveis a correta preservação de tudo aquilo que tiver relevância para a história coletiva e da região.

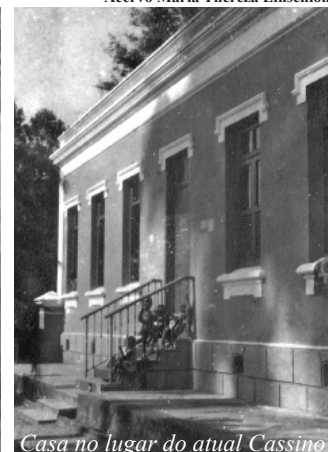
Imagem - Memória



Vôlei na Vila da Estrela, Dr. Eisenlohr à rede



Esposa e filhos do Dr. Eisenlohr - 1932



Casa no lugar do atual Cassino



Vista de Grupo da Fábrica de Pólvora sem Fumaça - Recuperação do Alcool



Dr. Eisenlohr

Tempo e memória: Dr. Frederico Eisenlohr

Antigos moradores de Piquete ainda guardam na memória a figura singular do Dr. Frederico Eisenlohr, médico militar que chegou à cidade com sua família em junho de 1928 e que por aqui ficou até o início de 1942. A distância e o tempo, no entanto, não foram capazes de apagar a imagem desse insigne brasileiro.

A Fábrica e a comunidade piquetense devem a ele, indiscutivelmente, os mais assinalados serviços.

Eisenlohr chegou a Piquete como 1º tenente médico, vindo do Sanatório Militar de Itatiaia, onde desenvolveu importante trabalho de profilaxia de doenças respiratórias. Veio para trabalhar no Serviço de Saúde da Fábrica de Pólvora sem Fumaça, dirigida pelo Cel. José Pompeu Cavalcante de Albuquerque. A Fábrica, por essa época, era ampliada, visando à modernização. Estava em construção uma fábrica de trotil que atraía novos operários. Era preciso melhorar a qualidade da assistência médica oferecida aos operários. Logo que assumiu, o Dr. Frederico passou a se empenhar para a melhoria e a modernização das instalações do Serviço de Saúde. Buscou aparelhá-los com materiais cirúrgicos modernos, aumentar o quadro de pessoal e capacitando-os para ampliar suas ações, visando a melhorar e expandir a assistência de saúde oferecida aos servidores e respectivas famílias. Trabalhou, também, para a prevenção de doenças com a higienização do ambiente fabril e também do doméstico. Empenhou-se para que esses conhecimentos fossem estendidos a toda a comunidade, uma vez que a cidade, muito pobre, carecia de saneamento básico. Empenhou-se, então, na prevenção de surtos epidêmicos através de uma profilaxia atenta e sistemática. A construção de um hospi-

tal-enfermaria (atual Fórum) e a instalação dos gabinetes odontológicos e de radiologia foram outras conquistas, frutos de sua perseverança e do espírito realizador, devotado ao próximo. Assim firmou sua obra de médico e benfeitor. Cumpriu sua missão com sabedoria e religiosa fidelidade. Era visto muitas vezes indo a cavalo atender a doentes na zona rural. Retornava quando necessário, até o restabelecimento da saúde do enfermo. Notáveis sua cultura médico-científica e incontestável competência como cirurgião. A primeira cirurgia feita em Piquete foi realizada por ele, com sucesso, em 1937, logo após a inauguração do hospital. O paciente era um funcionário acidentado da Fábrica.

Além de sua capacidade profissional, era notável sua capacidade de administrador. Quando da Revolução de 1932, ele e toda a oficialidade da Fábrica mantiveram-se fiéis ao governo federal. Ao término do conflito, os militares federais foram levados presos para São Paulo pelas tropas constitucionistas e o Dr. Frederico foi um dos que permaneceram em Piquete para garantir o estabelecimento e evitar sua depredação. O Presidente Vargas, em 1939, quando de sua visita à Fábrica de Piquete, teve elogios a tudo que lhe foi mostrado pelo diretor médico do hospital. Após a visita histórica a Piquete, o diretor da Fábrica, Cel. Gomes Carneiro, fez constar em boletim votos de louvor ao Dr. Frederico Eisenlohr.

Quando chegou a notícia de que havia sido transferido para o sul do país, Piquete se mobilizou para homenageá-lo.

Recentemente, quando buscávamos informações sobre quem foi o Dr. Frederico Eisenlohr, o acaso nos aproximou de sua filha caçula, Maria Thereza de Castro Eisenlohr, que nos enviou uma caixa de foto-

grafias, todas identificadas: muitas vistas da Vila da Estrela, da Fábrica, do ramal férreo, da ponte Sobre o Paraíba dinamitada na Revolução de 1932, de vizinhos e amigos. Um cartão e alfajores acompanhavam o presente.

Maria Thereza, com memória privilegiada, conta que as melhores lembranças de sua vida foram passadas na Vila da Estrela aonde chegou muito criança: ela, o pai, a mãe, Dulce de Castro Eisenlohr, e os irmãos, Fritz, Hugo e Iris. Moraram na casa que havia sido sede da Fazenda da Estrela. Em 1934 a casa foi demolida e no lugar construído o atual Cassino. Moraram também na Casa 2, junto à Estação da Estrela. Seu Albino, um senhor muito idoso que havia sido escravo, contava para ela e os irmãos muitas histórias. Recordava-se também, do Benedito “sem braço”, que não tinha um braço, mas dirigia uma litorina, do Sr. Odilon Costa, que trabalhava na estação, e dos professores Nina Cunha e Lutgardes de Oliveira, que ministravam aulas em sua casa. Em suas narrativas fala com desenvoltura do dia a dia da família e dos inúmeros amigos que fizeram em Piquete. Havia uma comunhão entre elas. Pergunta de Leticia, Odaisa e Olga, da família do capitão Frota; de Enoê e Risoleta, filhas do coronel Aquino, dos filhos coronéis Leonan, Velasco e Silvio Scheleder, do major Monte e outros tantos. Conta que a irmã era amiga da Mariinha, filha do capitão Hermenegildo Porto Carrero, e que elas estudavam e estavam sempre juntas. Mariinha tornou-se uma das maiores atrizes brasileiras – Tônia Carreiro, que estudou no Grupo de Piquete.

Apesar do tempo, Maria Thereza não esqueceu a Vila da Estrela de sua infância e parte da adolescência, faz questão de declarar o seu carinho por Piquete.

GENTE DA CIDADE

Terezinha Ferreira

Uma senhora nonagenária... Esposa dedicada, de postura tradicional... Uma mulher que criou nove filhos, e hoje é cuidada e mimada por eles, mais os vinte netos e dezenove bisnetos.

A idade tornou-lhe os passos e os gestos mais lentos, a memória carente de uma ajuda, mas não lhe tirou as lembranças da vida passada parte na fazenda no bairro Vargem Grande, da mineira Delfim Moreira, e parte em Piquete. Da fazenda do pai, diz, saudosa, que “era um fazendão... Tinha de tudo, até carneiros meu pai criava”...

Terezinha Costa Ferreira, nascida a 25 de maio de 1927, é filha do casal de mineiros Dinarte Vieira Fortes e Maria Filomena Costa Fortes, que teve outros onze filhos.

Tendo vivido até os dezoito anos na fazenda do pai, Terezinha conta que a infância e a adolescência foram “em família...”. “Depois que minhas irmãs mais velhas se casaram, eu tinha que colaborar no trabalho da casa. Ajudava mamãe em tudo...”, afirma. “Eu e meus irmãos estudávamos lá mesmo na fazenda. O professor ia até lá para nos dar aulas”. Sobre a fazenda, quando começa a falar, os olhos brilham... Conta que a fazenda era muito grande e mostra um quadro pintado por Nair Dipp mostrando a “casa grande” pendurado na parede da sala de sua casa. Fala do marmelo, das frutas, de muito pinhão...

Em 31 de julho de 1945, Terezinha se casou com Didi Ferreira. Perguntada sobre como conheceu o marido, responde, entre tímida e sorridente: “Lá na fazenda do meu pai... O Didi acompanhava o pai dele, que ia negociar com o meu... Depois nos encontramos em festas em Delfim Moreira... Aí começamos a namorar e um ano depois nos casamos. Eu tinha 19 anos...”. Com o casamento, veio morar em Piquete, na fazenda do marido, a “Sertãozinho”, localizada no atual bairro de São José.

O amor pela fazenda fica evidente quando Terezinha começa a contar as histórias... “Lá não tínhamos gás, era tudo no fogão a lenha, a água era de uma bica, e a luz era somente com lampião... Mas era muito bom... A casa vivia cheia de gente: cunhados mais novos iam sempre pra lá; recebíamos muitas visitas”, afirma, visivelmente comovida com as lembranças.

Continua: “O Didi contava com sete ou oito camaradas. E todos viviam lá na



fazenda. Enquanto os homens trabalhavam nas tarefas diárias da fazenda, as mulheres cuidavam das casas. Eu contava com a ajuda delas também na organização da ‘casa grande’... Isso movimentava a casa. E tinha, ainda, os filhos dos camaradas, que brincavam com os meus filhos. Era muito boa aquela vida”, conta.

Quando os filhos chegaram à idade escolar, Terezinha e Didi vieram morar em Piquete. A localização da casa determinaria a maior participação da família na vida religiosa do município. Quando chegaram, já estavam iniciadas as obras da nova Matriz de São Miguel. O casal fez parte, então, da comissão de construção da nova Matriz e “trabalhamos muito pra Igreja, junto com muita gente, como nossos vizinhos Dr. Amoroso e sua esposa, D. Carmem”. Sempre religiosa, Terezinha conta que ao longo desses mais de cinquenta anos participou ativamente da paróquia de São Miguel: “Fui festeira algumas vezes... É muito bom poder participar e colaborar com a Igreja...”. Do tempo em que morou na fazenda, ressalta a importância da vida partilhada com os camaradas, das excursões a Aparecida com eles e a família.

Os cabelos grisalhos lisos contornam o semblante tranquilo de Terezinha, que vive feliz sob os cuidados dos filhos e os mimos dos netos e bisnetos. Tem amor pela casa em que vive, mas se pudesse escolher, optaria pela vida na roça, que tantas boas recordações lhe traz. Uma senhora realizada, respeitada pela postura discreta e pela família que formou. É mineira de nascimento e piquetense de coração.

Tiro ao alvo errado

Laura Chaves

Existe uma frase que é recorrente nas falas de pais, estudantes e até de alguns professores: a escola precisa diversificar os instrumentos de avaliação. Há, por parte dessas pessoas um preconceito de que a “prova não prova nada”. Mas isso é mito!!!

Experiências de sucesso e estudos comprovam que uma prova bem elaborada é um instrumento fidedigno de medida do resultado da aprendizagem. Isso é ciência, não é mito! Outros instrumentos, quando bem elaborados e com critérios claros, também dão conta de avaliar resultados. Mas, na maioria dos casos, estamos falando de Brasil. O que se quer é facilitar. É aumentar a nota dos alunos sem que eles de fato tenham aprendido. É passar a diante, aprovar de qualquer jeito.

Tiro no alvo errado! O alvo é outro. Não é o modelo de prova ou de instrumento que vai fazer o aluno aprender e sim a intervenção pedagógica. Mudar o modelo do instrumento não assegura aprendizagem. Ao contrário, por vezes, pode maquiagem os resultados. As aulas precisam ser boas, bem planejadas, com grau cada vez mais alto de complexidade e o ensino deve ser avaliado com rigor. Alunos têm que estudar, se esforçar e se preparar para as avaliações. Não tem outro caminho.

Responsabilizar os instrumentos de avaliação pela má qualidade da educação é um enorme equívoco. A qualidade da educação precisa ser repensada no seu todo – do planejamento à avaliação.

Enquanto alunos de outras realidades têm em torno de 8 horas diárias de aulas densas, muitas tarefas e são avaliados com rigor, aplaudidos pela sociedade, no Brasil, há uma forte tendência de tudo ser resolvido no jeitinho – um pontinho ali, um trabalhinho em grupo, uma atividade para recuperar, uma prova mais fácil, e por aí vai... Ensino ladeira abaixo!

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:

Antônio Carlos Monteiro Chaves

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor:

Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Professor Luiz de Castro Pinto, 22

Tels.: (12) 3156-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

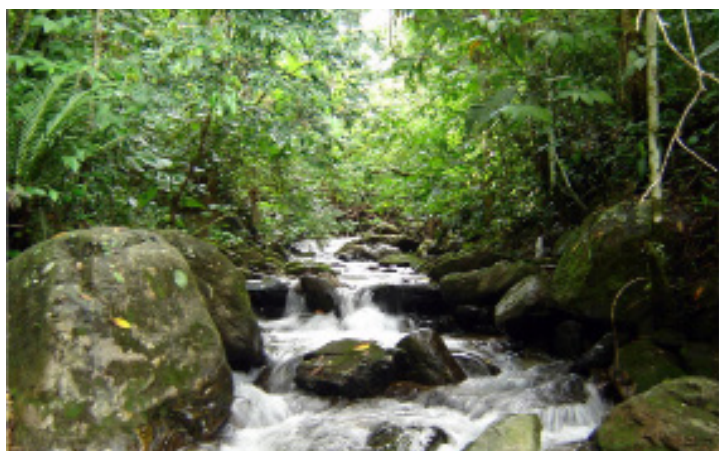
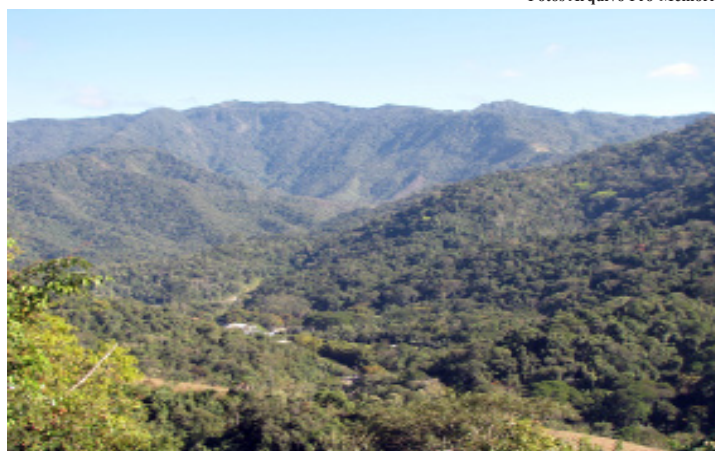
Editoração:

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.





O Dia da Mata Atlântica

Comemora-se a 27 de maio o Dia da Mata Atlântica.

Quando da chegada dos primeiros europeus ao Brasil, a paisagem dominante na costa brasileira era a densa e exuberante floresta atlântica, com árvores gigantescas que impressionaram os descobridores. Esse ecossistema estendia-se a partir do litoral, penetrando o continente em direção ao interior, por extensões variadas, de acordo com as características geográficas e climáticas.

A destruição da Mata Atlântica começou com o início da colonização europeia, com a extração do pau-brasil, e continua até os dias atuais. Foi nos domínios da Mata Atlântica que os europeus plantaram a cana e o café. Foi também onde formaram suas primeiras vilas e cidades, semente de metrópoles como São Paulo e Rio de Janeiro.

Originalmente, a Mata Atlântica ocupava 16% do território brasileiro. Atualmente, esse ecossistema está reduzido a cerca de 7% de sua extensão original, dispersos de forma fragmentada ao longo da costa brasileira e no interior das regiões sul e sudeste. Do que se perdeu, pouco se sabe – milhares ou talvez milhões de espécies não puderam ser conhecidas. Das espécies vegetais, muitas correm risco de extinção por terem seu ecossistema reduzido ao serem retiradas da mata para comercialização ilegal ou por extração irracional, como ocorreu com o pau-brasil e ocorre, atualmente, com o palmito juçara e outras espécies. Com referência à fauna, observa-se número elevado de espécies ameaçadas de extinção, sendo a fragmentação desse ecossistema uma das principais causas. A fragmentação do habi-

tat de algumas espécies, principalmente de médio e grande porte, faz com que as populações remanescentes, em geral, estejam subdivididas e representadas por número consideravelmente pequeno de indivíduos.

Apesar de toda destruição que o ecossistema vem sofrendo, aproximadamente 100 milhões de brasileiros dependem dos mananciais para a produção de água, que os poucos remanescentes de Mata Atlântica ainda renovam, com sua influência reguladora do ciclo hidrológico – as águas das chuvas ficam temporariamente armazenadas na floresta, que funciona como uma esponja, e as libera pouco a pouco nas nascentes dos riachos e rios. Em outras palavras, cerca de 60% dos brasileiros têm interesse direto na conservação e ampliação dos fragmentos de Mata Atlântica que ainda sobrevivem.

17 Novamente!

Violeta del Carmen Parra Sandoval ou apenas Violeta Parra para os fãs, como eu, artista chilena, compôs uma canção chamada “Volver a los 17”. Lindamente interpretada por outra extraordinária cantora, Mercedes Sosa, esta, argentina. Pena que ambas já tenham partido. Esta canção-poema começa dizendo assim “Voltar aos 17 depois de viver um século / É como decifrar sinais sem ser sábio competente / Voltar a ser de repente tão frágil como um segundo / Voltar a sentir profundo como uma criança ante Deus”. Não sei porque me toca tão fundo as palavras dessa canção. Não vivi ainda um século e talvez jamais viva. Mas creio que Violeta não fala de uma pessoa, mas de um país e suas mazelas. Composta no ano de 1962, 100 anos após o fim do grande período da República Conservadora que levou o Chile a uma prosperidade econômica sem igual. Por que não voltar à aquele tempo?

Então me pergunto se o que sinto agora ouvindo essa canção não é um desejo de voltar algum tempo atrás. Como país. Ou seria uma volta andando para frente? Ainda que eu não seja também um sábio competente, mas tenha vontade de sentir o profundo. “Isso é o que sinto eu neste instante fecundo”. Essa vontade, diz a melodia em sua letra, “Vai se envolvendo, envolvendo / Como no muro a hera / E vai brotando, brotando / Como o musgo na pedra”, é algo que nos entranha, finca raízes, arreventa o peito. E quando a coifa dessa radícula atinge o coração ao passar pelo muro que se trinca, a vontade de voltar aos 17 arde. Os antigos povos Xiitas diziam que o número 17 era a representação daqueles que morriam e nasciam pela força do criador. Suas preces deveriam conter 17 palavras. O musgo, a hera, o destruir para renascer. Voltar aos 17. Morrer e ressuscitar. Na linda poesia que se segue diz a música: “Meu passo retrocede

quando o teu avança / A arca das alianças penetrou em meu ninho / Com todo seu colorido tem passeado por minhas veias / E até a dura cadeia com que nos prende o destino / É como um diamante fino que ilumina minha alma serena”. A arca da aliança, o unir-se a Deus por um sistema mágico. E então meu corpo ser tomado pelo fluxo do sangue contaminado da vontade de viver novamente um tempo bom. Não de 100 anos atrás. Mas daquele momento de fartura e justiça que tem sido apagado pelo tempo cruel que vivemos. Avança o passo da maldade e o meu retrocede em busca de reviver.

“O que pode o sentimento não o conseguiu o saber / Nem o mais claro proceder, nem o maior pensamento / Tudo o muda no momento qual mago condescendente / Nos afasta docemente de rancores e violências / Só o amor com sua ciência nos torna tão inocentes”. E então o sentimento vence a ciência. Joguemos fora os números cruéis. Deixemos evidenciar aquilo que vemos com nossos olhos e sentimos em nossa alma. Olhe ao passado. O que vê? O que sente o necessitado hoje? O que ele viveu? Tornar-se sábio pelo pensamento sereno e doce. Sem os rancores e violências da dureza fria dos noticiários e dos analistas. Apenas eu, você, pensamentos e meditações. A paz e a vontade de voltar a um tempo bom. Não dá para aceitar a crueldade do homem. Para isso aprendemos a amar. “O amor é um turbilhão de pureza original / Até o mais feroz animal sussurra seu doce som / Detém os peregrinos, liberta os prisioneiros / O amor com seus esforços ao velho vira criança / E ao mau só o carinho o vira puro e sincero”. Ainda que não seja visível virarei criança. Eu e meu país. Voltaremos aos 17. E assim nós iremos ver brotando, brotando num recomeço como o musgo na pedra que apesar de lindo a esfarela para que algo novo exista em seu lugar.

Luiz Flávio Rodrigues

Fotos Arquivo Pró-Memória



A visita da imagem peregrina de Fátima

O mundo católico comemorou, no último 13 de maio, o centenário da aparição da Virgem Maria a três crianças em Fátima, Portugal. A aparição foi um fenômeno religioso que se repetiu outras vezes naquele ano de 1917. A Virgem se apresentou aos três pastorinhos como Nossa Senhora do Rosário, pedindo que naquele local fosse edificada uma capela em sua honra. A partir da última aparição, que se deu em 13 de outubro, e com a notícias de milagres presenciados por milhares de pessoas, gente de diferentes lugares passaram a peregrinar até Fátima. A devoção a Nossa Senhora, que a partir de sua aparição naquela aldeia portuguesa passou a ser conhecida com o título “de Fátima”, cresceu e ganhou o mundo. Mais tarde, por indicação da Irmã Lucia , uma das crianças para quem Nossa Senhora havia aparecido, na Cova da Iria foi esculpida a primeira imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima, que foi oferecida pelo

bispo de Leiria, e coroada solenemente pelo arcebispo de Évora, em 13 de maio de 1947. A partir desta data, a Imagem percorreu, por diversas vezes, o mundo inteiro, levando uma mensagem de paz e amor.

A gênese deste percurso remete-nos para o ano de 1945, pouco depois do final da II Guerra Mundial, quando um pároco de Berlim propôs que uma Imagem de Nossa Senhora de Fátima percorresse todas as capitais e cidades episcopais da Europa, até à fronteira da Rússia. A ideia foi retomada em abril de 1946, por um representante de Luxemburgo, no Conselho Internacional da Juventude Católica Feminina, e, no ano seguinte, no preciso dia da sua coroação teve início a primeira viagem. Depois de mais de meio século de peregrinação, em que a Imagem visitou 64 países dos vários continentes, alguns deles por diversas vezes, a Reitoria do Santuário de Fátima entendeu que ela não deveria sair mais, a não ser por

alguma circunstância extraordinária. Em maio de 2000 foi colocada na exposição “Fátima, Luz e Paz”, na qual foi venerada por dezenas de milhares de visitantes. Passados três anos, mais precisamente no dia 8 de dezembro de 2003, solenidade da Imaculada Conceição, a Imagem foi entronizada na Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, tendo sido colocada numa coluna junto do altar-mor. A Imagem voltou a sair no dia 12 de maio de 2014, primeiramente para uma visita às comunidades religiosas contemplativas existentes em Portugal, que aconteceu até o dia 2 de fevereiro de 2015, e, depois, a todas as dioceses portuguesas, de 13 de maio de 2015 a 13 de maio de 2016. Essas visitas tiveram como objetivo envolver as comunidades contemplativas e as dioceses de Portugal na celebração do Centenário das Aparições de Fátima.

A fim de dar respostas aos imensos pedidos provenientes de todo o mundo, foram, entretanto, feitas várias réplicas da primeira Imagem Peregrina, num total de treze.

No Brasil, a primeira visita da Imagem Peregrina se deu no início de 1950, e aumentou sua devoção pelo território nacional. Em agosto de 1960, veio pela primeira vez a Piquete. Foi uma comoção! A cidade assistiu a um espetáculo de fé nunca visto até então. Os fiéis que acompanharam a visita saíram fortalecidos na fé e no amor à Virgem do Rosário.

De todos os lugares do mundo por onde ela passa chegam relatos a respeito da presença da Imagem Peregrina, de multidões que acorrem à sua passagem, de participações nunca antes verificadas, de grande número de penitentes que se abeiram do sacramento da reconciliação, da afluência de crianças, jovens, adultos e idosos, de diferentes contextos sociais e mesmo confissões religiosas diversas; em suma, relatos de significativo fruto pastoral e de abundantes graças alcançadas.



Crônicas Pitorescas

O bolo...

Palmyro Masiero

Sábado. Na casa, a velha mãe, o filho com a esposa e oito rebentos do casal. Nove horas, a movimentação era intensa. Na cozinha, a idosa senhora e a nora – deu rima, mas são afinadas, ora! – viviam um lufa-lufa no preparo de material para a confecção de um bolo gigante; no quintal, o fio da véia e marido da outra esmerava-se na construção da tábua onde se assentaria o enorme pudim. A plataforma estava planejada para ter um metro e dez de largura por um e vinte de comprimento. Serra e prega. Dez e meia o homem já está trabalhando os pés para dá-la como terminada. Na cozinha, a azáfama feminina era ativa.

Causa do reboição: o homem era o padrinho de casamento da cunhada que se aliançaria naquele sábado às dezessete horas e seu presente seria o bolo, que, após terminado, teria que ser levado para a casa da casadoira (primor, hein?!), local da recepção aos convidados. A tábua pronta foi levada para dentro e em cima da mesa sofreu trabalho artesanal, recebendo a cobertura com papel prateado. As mulheres às voltas com a massa. Diabo era que só havia uma fôrma e dezoito bolos para assar. Coloca massa na única dita, põe no forno e nada de perder tempo. Preparar o recheio que sanduicharia as duas camadas. Pronto um, era colocado na tábua e manda outro pro forno.

Meio dia e vinte. Certas necessidades – comer, por exemplo – atrapalham para burro em certos momentos. A criança estava estrilando de fome. Arranja pratos e que cada um vá comer bem longe. O caçula era de mamadeira, que o próprio pai teve que servir.

Treze e quarenta. Os dezoito bolos estavam sobre a tábua: nove em baixo, recheio e nove em cima. A mulher, agora, preparava o creme para cobri-lo. Após ocultar toda a parte marrom com creme branco, processou o ataviamento dele através de um confeiteiro de plástico azul com uma ponta metálica, trocada de vez em quando para produzir rosas, fios estriados e coisa e tal. Coloridos cremes. Pedacos de maçãs, peras, uvas italianas e cerejas eram cuidadosamente arranjados. Isso tudo com a criança roubando um pedaço dessa ou daquela fruta. Uma dedada no creme...

Quinze e trinta. Bolo pronto, decorado, maravilhoso. Arrumar a petizada para o casório. Banho generalizado. Veste um, calça outro, pente correndo cabeças, troca no nenê, essas coisas que faz toda mulher.

O casal também se esmera e até a velhota se embonecou.

Dezesseis e quinze. Todo mundo pronto. O cara tirou sua Variant 72, lotou com a garotada e se mandou para a igreja, onde aguardariam. Menos o nenê, é claro. Voltou logo, pois o templo era no mesmo bairro. Teria, ainda, que levar o bolo na casa da noiva e retornar até a casa da nubente, onde, num carrão de aluguel, levá-la-ia até perto do altar para entregá-la ao noivo.

Chegou em casa. Aí, meu, deu bode!

Ele e a mulher pegaram, com o maior cuidado, a tábua que baseava o balaço para colocá-lo atrás, na Variant. Não passou pela porta que era mais estreita. Tentou-se a dos fundos. Idem. Janela, besteira pensar: todas gradeadas.

Dezesseis e quarenta. Chamaram a velha após a única solução encontrada, já que serrar a tábua nesta altura do campeonato não dava. Marido e mulher novamente apanharam a plataforma com o cremado, foram até a porta da frente e viraram-se até que desse para passar, enquanto a velhota segurava aquela grande massa branca açucarada e frutada para não escorregar. Malabarismo à beça, mas passou. A idosa senhora estava com as mãos e braços melecados de creme e uma das bandas do bolão estava bem avariada. Finalmente, foi colocado no fundo do carro. Durante o tempo em que a macróbia se lavava, a mulher tentava ajeitar o lado deformado do presente. O homem, nervoso, gritava com as duas damas.

Cinco para as dezessete! A Variant parecia estar disputando Fórmula 1 nas ruas de Mônaco. Levantou poeira do asfalto na freiada em frente à casa da noiva, que estava mais angustiada do que alguém que acertou cinco números da Mega-Sena e tem o último sorteio pela frente. Retiraram o bolo e foram levá-lo para casa. Bodou de novo! O danado também não entrava. Dezessete horas!

Solução: trouxeram uma mesa, colocaram em frente à casa, puseram o bolo em cima e cobriram-no com uma toalha. Alguém ficou sem assistir à cerimônia vigiando o confeitado... O homem levou a jato a mulher com o nenézinho e a mãe até a igreja e regressou célere.

Dezessete e vinte: entrou com a noiva na igreja lotada e, no altar, o noivo respirou aliviado, pois, aflito, desalentado, estava imaginando que sua eleita iria lhe dar o bolo...

Há um buraco no fundo do poço

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Um amigo postou a seguinte pergunta em uma rede social: “Quem cavou este buraco no fundo do poço”?

Impactou-me evidenciar o que mostra uma pergunta tão simples.

Nosso país está conseguindo ir mais fundo do que o “fundo do poço”, expressão utilizada para indicar o ponto máximo de degradação a que se consegue chegar, o limite para se cair.

Pois bem! O Brasil conseguiu cair mais ainda e, ao que me parece, é um buraco sem fundo, isso sim.

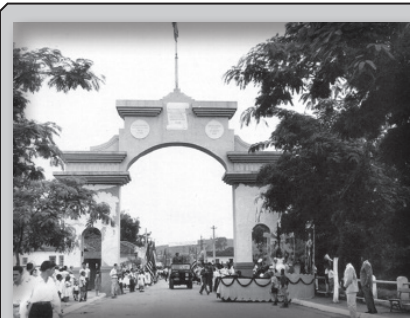
Quando se pensa que já se chegou ao limite de degradação da política nacional, surgem mais e mais denúncias que evidenciam o que todos desconfiávamos, mas que agora estão vindo à tona por meio do instrumento jurídico conhecido popularmente como “delação premiada”.

Enquanto saúde, educação, segurança e cultura são sucateadas causando a agonia lenta da população brasileira, dezenas de bilhões de reais são rapinados do erário, dificultando ainda mais o desenvolvimento e o progresso do país. Somados à falta de planejamento, à política populista e eleitoral, à desfaçatez de políticos que alegam desconhecer detalhes de suas eleições, resta a nós, brasileiros trabalhadores e honestos – e somos a maioria, estejamos certos disso – a incerteza quanto ao nosso futuro e ao das próximas gerações.

A convulsão social que vem tomando conta das ruas é legítima. Os brasileiros não suportamos mais ser vilipendiados por quem deveria defender nossos interesses. O Congresso Nacional tornou-se uma reunião de inescrupulosos, visando apenas à proteção daqueles que têm acesso direto e força econômica para fazer senadores e deputados legislarem de acordo com seus interesses, menores e direcionados, que, definitivamente, não atendem, na maioria das vezes, aos anseios dos brasileiros. O que se viu, recentemente, foi que o atual Presidente da República mantém contato com empresários de caráter, no mínimo, duvidoso, também a fim de se manter o poder, ainda que em detrimento de quem deveria defender – a população brasileira.

Não se sabe quem cavou o buraco no fundo do poço. Sabe-se, porém, com elevado grau de certeza, que não foi um só. Foram e são muitos os que agem de forma a afundar ainda mais o país. Que interesse teriam? Não imagino, mas é evidente que serão beneficiados de alguma forma. Como lutaremos contra? O correto seria dizer que o voto é nossa maior e mais eficiente ferramenta. A atual profundidade do poço, no entanto, me deixa sem esperanças para um futuro próximo. Não há opções de voto, tamanha a escuridão da política brasileira. Dela não se pode prever o que resultará a curto ou médio prazo.

Cuidemos, portanto, de nossos próprios passos, a fim de que não sejamos tragados pelo buraco negro brasileiro. É triste, mas é a realidade!



“Os valores simbólicos de nossa cidade devem ser vistos, pois a reverência ao passado não é nostalgia e muito menos saudosismo, mas antes de tudo o direito à preservação do que o engenho e a arte criaram como obras humanas, atestados de uma época e referências de homenagem ao futuro. São estas referências que nos garantem o direito de cidadania.”

Dóli de Castro Ferreira

Luta de classes à brasileira

Em 1848, quando Karl Marx e Friedrich Engels escreveram o “Manifesto do Partido Comunista”, uma constatação central fundamentava a obra: o modo de produção capitalista, que já naquele momento atingira sua fase industrial, havia estabelecido duas novas classes como protagonistas da luta política. De um lado a burguesia, com suas fábricas e lucros, e de outro o proletariado, empenhando sua força de trabalho em troca de salário. Redigido na Inglaterra, que naquele período passava por brutais transformações produzidas pela nova ordem que ascendera, o Manifesto foi certo ao prever a polarização política que se daria a partir de então na Europa.

Sob perseguições e sem dispor da possibilidade de pleitear o poder através do voto, as organizações políticas proletárias cresceram sobre o fértil terreno propiciado pelas graves contradições do capitalismo da época, que sob baixa ou nenhuma regulação, criava enormes contingentes de miseráveis, como conta Engels em “*A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*”. Entre o final do século XIX e o início do XX, quando o sufrágio foi expandido às massas (com exceção ainda às mulheres), rapidamente os sistemas políticos da Europa Ocidental se viram dominados por organizações partidárias antagônicas: de um lado os comunistas, socialistas ou trabalhistas, com forte vinculação aos sindicatos e à classe operária, defendendo a regulação do mundo do trabalho pelo Estado e a construção de regimes de bem-estar social; e de outro os liberais ou conservadores, formados por entusiastas da economia de livre mercado na qual a intervenção estatal era vista como desestabilizadora.

Se o diagnóstico de Marx e Engels fora certo quanto à Europa, a industrialização tardia e as recorrentes rupturas democráticas não permitiram que a mesma avaliação pudesse valer nos países ao Sul do globo, onde se insere o Brasil. A modernização brasileira, iniciada em 1930 com mais de um século de atraso em relação aos países do Norte, foi incapaz de produzir na mesma magnitude as classes que, na Europa, ocuparam o centro das disputas políticas. Por aqui, a divisão histórica entre uma maioria sem acesso ao mercado formal de trabalho e, por consequência, desprovida de direitos, e uma minoria com relativa situação de bem-estar, nesse contexto, privilegiada, criou uma polarização diferente da observada na Europa Ocidental, não se dando diretamente entre burgueses e proletários, mas sim entre povo e antipovo.

A efervescência produzida no último 10 de maio em torno do depoimento de Lula foi mais um capítulo do conflito brasileiro. As políticas implementadas em seus dois mandatos, ao criarem perspectivas de ascensão aos mais pobres e diminuir a distância desses para os setores médios, consolidaram-no como figura heroica a alguns e diabólica a outros. Culpado ou inocente – questão que cabe ao judiciário, e não às torcidas –, a disputa que se vê no Brasil em torno de sua figura é nada mais do que a expressão legítima de “mortadelas” e “coxinhas”, povo e antipovo, cada qual defendendo seus interesses materiais e visões de mundo. Nesse cenário, mais importante do que saber de que lado estar, é preciso saber aquele no qual não se deve estar.

Rafael Domingues de Lima

Utopia possível

A Fundação Christiano Rosa vem defendendo, desde sua criação, a necessidade do exercício da cidadania. Em todas as oportunidades clama pela participação organizada da população nas decisões que implicam no futuro da cidade. Na verdade, esse futuro é o de nossas crianças e jovens. De nada adianta ficar lastimando a situação difícil por que passa a saúde, a falta de emprego, a falta de lazer, a incipiente oferta de atividades que agreguem valores culturais e intelectuais, e que possam formar lastro para a competitividade profissional no mercado de trabalho.

Quando enfatizamos em nossos editoriais a necessidade de reflexão sobre os temas abordados, na verdade estamos a repetir que o futuro depende exclusivamente de nós mesmos.

Em sua obra “Utopia”, o escritor inglês

Thomas Morus (1480-1535) descreve um país imaginário, onde um governo organizado da melhor maneira proporciona ótimas condições de vida a um povo equilibrado e feliz.

Utopia é a descrição de qualquer lugar ou situações ideais em que vigorem normas ou instituições políticas altamente aperfeiçoadas. A utopia do possível depende de nossa capacidade de mobilização, articulação e negociação. Se queremos, realmente, oferecer às futuras gerações melhores condições de vida, devemos começar agora. Esperar que os outros o façam por nós é muito cômodo; essa atitude leva-nos a aceitar as coisas como elas são. Para ser de outra forma, na utopia do possível temos que participar do dia-a-dia da cidade, exercer plenamente a cidadania, para buscar

caminhos e alternativas que possam prover as necessidades básicas das novas gerações, e para que possamos construir a cidade que desejamos.

“O que é uma cidade senão sua população?” perguntava-se o dramaturgo inglês Shakespeare.

Uma cidade gera oportunidades para sua população: para encontrar pessoas, emprego, optar por escolas e locais para o abastecimento. A cidade é, assim, teoricamente, um lugar onde as pessoas se sentem vivas e onde podem progredir. Mas é também onde as pessoas, às vezes perdidas e às vezes escondidas na multidão, comparam sucessos, fracassos, riqueza, pobreza, carências. A cidade é, por isso, também, um lugar onde há vontade individual e coletiva de melhorar a qualidade de sua própria vida. **AC**



Fotos Arquivo Pro-Memória



Educação patrimonial

Piquete conta com rico patrimônio histórico-arquitetônico que encerra a imaterialidade da história e cultura da Fábrica Presidente Vargas e, consequentemente, de Piquete.

Nos últimos anos, tem-se assistido, por todo o mundo e especialmente em nosso país, ao crescimento de um movimento pedagógico voltado para a valorização do patrimônio cultural: fala-se em educação patrimonial. Esse processo pedagógico tem origem na observação de que as novas gerações vêm perdendo os vínculos com o passado, não valorizando suas diferentes manifestações culturais, herança de nossos predecessores, e que, muitas vezes, são somatório de experiências acumuladas e transmitidas através dos tempos. Daí a necessidade de se repensar a educação patrimonial e aplicá-la em diferentes setores da sociedade.

O conhecimento e a valorização do patrimônio cultural, e sua apropriação consciente por parte da comunidade são fatores indispensáveis no processo de preservação desses bens, assim como no fortalecimento dos sentimentos de identidade e cidadania.

O patrimônio, como o nome diz, é algo herdado de nossos pais e antepassados. Essa herança só passa a ser nossa, para ser usufruída, se nos apropriarmos dela, se a conhecermos e a reconhecermos como algo que foi legado e que devemos deixar como herança para nossos filhos, para as gerações que nos sucederão no tempo e na história. Uma herança que constitui nossa riqueza cultural, individual e coletiva, nossa memória, nosso sentido de identidade, aquilo que nos distingue de outros povos e culturas.

Urge o reforço da educação patrimonial em nossa Piquete!

Realidade nacional. Projeto de Brasil.

Domingo, manhãzinha, quando vejo a cotação de um produto no município de Cacoal, acende-se uma luzinha no meu cérebro: na Federação, existe uma Unidade chamada Rondônia, situada no extremo Oeste do país.

Quando fui pela primeira vez a Brasília para um Simpósio de Linguística, parei no município goiano de Cristalina, que se cristalizou em minha memória como o lugar de lindas pedras.

De repente, um susto! Recebo a notícia de que Cristalina apresenta o maior PIB Agrícola do país.

Nas minhas idas e vindas, quando lecionei na Colônia São José de Sangradouro, eu era acolhida com muita simpatia em Rondonópolis, cidade ainda acanhada, na casa das Filhas de Maria Auxiliadora, Irmãs Salesianas.

Hoje, a desenvolvida cidade colocou em Brasília os três Senadores por Mato Grosso.

Quem examina o mapa do Brasil verifica que ele está assentado sobre uma forte coluna: Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.

Tendo escolhido a Integração e o Cooperativismo como suporte para a sua economia, as Unidades do Sul servem de modelo para o país.

Sobre a coluna se assenta uma poderosa laje formada pelas unidades Sudeste – Sudoeste: São Paulo e Mato Grosso do Sul.

O progresso de São Paulo se reflete na outra margem do rio Paraná tornando possível a ligação proveitosa entre o Oceano

Atlântico e os Países Andinos.

Apoiadas no Triângulo Mineiro encontram-se as unidades do Centro – o Centrão das safras recordes: Mato Grosso, Goiás e Distrito Federal.

A exuberância do Agro do Centrão já contamina as Unidades vizinhas. O MATOPIBA surge como uma promessa de progresso a curto prazo.

Assim, as Unidades do Norte – Amapá, Pará, Maranhã, Piauí e Tocantins – logo darão uma resposta positiva aos reclamos de suas populações.

As Unidades do extremo Oeste revelaram o dinamismo esperado quando premiadas pelas hidrelétricas do Madeira. É perceptível o vigor de sua atuação no Congresso Nacional.

O Leste é formado por Unidades tradicionais que guardam, desde o descobrimento, as marcas dos principais fatos históricos. Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santo possuem riquezas naturais e abrigam grande número de Universidades e Institutos de Pesquisa.

Seus altos e baixos na vida nacional se devem a falhas na gestão.

As Unidades do Nordeste felizmente estão-se convencendo de que, com alguma dificuldade, é possível viver com a seca. Os bons resultados do turismo do litoral podem alavancar recursos para criar facilidades para o Sertão e o Agreste.

Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Sergipe estão à espera do apoio de toda a Comunidade Científica

Nacional para ingressar na próxima década sem sobressaltos na expectativa de uma nova grande seca.

Falta o Noroeste para completar o mapa do Brasil.

Duas Unidades apenas, Amazonas e Roraima, somam área equivalente a três França.

Roraima sofre com o problema das terras federais e da falta de energia. Está situada sobre o Equador. Se as linhas de transmissão ficam muito caras, que tal optar pela energia solar?

Amazonas não é só a Zona Franca de Manaus.

O INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais) e outras instituições que se dedicam ao estudo da Amazônia foram surpreendidos por um projeto de monitoramento da área elaborado sem consulta às partes interessadas.

Há muita gente de olho nas riquezas do Noroeste do Brasil.

As eleições 2018 vêm aí.

Já temos até candidatos à Presidência da República.

Gostaria muito de que a Propaganda Gratuita da Televisão me informasse a respeito dos projetos de cada candidato sobre cada canto deste imenso Brasil.

Valei-nos, Santa Bárbara e São Jerônimo!

Livrai-nos das retumbância dos papos-furados!

Dai força ao braço do trabalhador brasileiro!

Abigayl Lea da Silva